



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/07/2023 a 27/07/2023

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>21/07/2023</b>	15,01	442,80	69,40	6,97	5,27
<b>24/07/2023</b>	15,23	447,30	71,99	7,57	5,60
<b>25/07/2023</b>	15,15	453,80	72,56	7,60	5,57
<b>26/07/2023</b>	15,46	464,70	70,27	7,20	5,40
<b>27/07/2023</b>	15,32	464,50	68,61	7,12	5,33
<b>Média</b>	<b>15,23</b>	<b>454,62</b>	<b>70,57</b>	<b>7,29</b>	<b>5,43</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Panambi	<b>S/C</b>	
RS – Não Me Toque	<b>139,00</b>	
RS – Londrina	<b>131,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>132,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>111,00</b>	
MS – Maracaju	<b>128,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>117,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>124,54</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>63,50</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>60,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>S/C</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>52,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>50,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>47,00</b>	
PR – Londrina	<b>47,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>35,00</b>	
MS – Maracaju	<b>41,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>54,00</b>	
SP – Campinas	<b>58,00</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>41,00</b>	
GO – Jataí	<b>41,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	<b>S/C</b>	
RS – Não Me Toque	<b>66,00</b>	
PR – Londrina	<b>69,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>68,00</b>	

Período: 26/07/2023

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 27/07/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	<b>53,38</b>	<b>139,36</b>	<b>66,25</b>

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
27/07/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>82,94</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>242,18</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>41,00</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>5,28</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,59**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>8,91</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Maiol/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

Nesta semana as cotações da soja, em Chicago, no primeiro mês cotado, se consolidaram acima dos US\$ 15,00/bushel. O fechamento desta quinta-feira (27) ficou em US\$ 15,32/bushel, contra US\$ 14,95 uma semana antes.

As preocupações com a nova onda de calor nos EUA, acompanhada de menos chuvas, somadas à continuidade das tensões no Leste Europeu, em torno da guerra entre Rússia e Ucrânia, fizeram os derivados de soja subirem bastante, sustentando os preços dos grãos. Efetivamente, o óleo de soja voltou a bater em 72,56 centavos de dólar por libra-peso no dia 25/07, algo que não era visto desde o final de novembro do ano passado. Já o farelo atingiu a US\$ 464,70/tonelada curta no dia 26/07, a mais alta cotação desde meados de abril passado.

Soma-se a isso o fato de que as condições das lavouras de soja, nos EUA, na data de 23/07, voltarem a piorar, com 54% ficando agora entre boas a excelentes, contra 59% um ano atrás. Outras 32% estão regulares e 14% se mantiveram entre ruins a muito ruins. Cerca de 35% das lavouras estavam com formação de vagens naquela data, enquanto 70% estavam em floração.

Já nas exportações, na semana encerrada em 20/07 os EUA embarcaram 283.378 toneladas, somando, em todo o atual ano comercial, um total de 50,2 milhões de toneladas embarcadas, ou seja, 5% menos do que em igual período do ano anterior.

Em termos do clima, o mercado começa a especular que os EUA, em continuando a atual realidade, pode não alcançar a produtividade média de 58,8 sacos de soja/hectare, o que diminuiria sua produção final quando da colheita em outubro. Assim, espera-se o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para 11/08, para se ter uma ideia mais clara da situação desta produção.

E no Brasil, mesmo com um câmbio se aproximando dos R\$ 4,70 por dólar, os preços da soja subiram mais um pouco, puxados por Chicago e pela melhoria nos prêmios, embora estes continuem negativos (-US\$ 0,60/bushel para agosto, em Paranaguá, lembrando que um ano antes o mesmo estava, para este mês de agosto, em +US\$ 1,50/bushel).

Com isso, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 139,36/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços da oleaginosa giraram entre R\$ 111,00 e R\$ 132,00/saco.

Dito isso, nesse momento do ano a demanda pela soja brasileira estabelece uma competição entre os compradores internos e externos, fato que ajuda a aquecer ainda mais o mercado.

Por sua vez, as exportações via Paranaguá, que é o segundo porto brasileiro em movimentações de carga, somaram 11,1 milhões de toneladas no primeiro semestre, se constituindo no maior volume para um único semestre desde a criação do porto, há 50 anos. Houve um significativo aumento nos embarques de grãos em geral, com destaque para a soja, cujo volume de exportação saltou 22,4% depois que o Brasil colheu sua maior safra de todos os tempos em 2022/2023. A soja representou um total de 6,5 milhões de toneladas do total embarcado no primeiro semestre. Em seguida veio

o farelo de soja, com cerca de 24% dos embarques totais, e o milho, que representou cerca de 17%, ou 1,9 milhão de toneladas. O Brasil envia a maior parte de sua soja para a China, mas nesta temporada a quebra de safra na Argentina provocou vendas de volumes inéditos para o próprio país vizinho, que também é um grande fornecedor global de soja e subprodutos. O ritmo médio dos embarques subiu para cerca de 1.088 toneladas por hora, ante cerca de 817 toneladas/hora no mesmo período do ano passado, informou o porto. (cf. Notícias Agrícolas)

Neste contexto, segundo a Anec, o Brasil deverá exportar 9,11 milhões de toneladas de soja em julho, após revisão para cima nas expectativas em relação à semana anterior. A Associação estima os embarques de farelo de soja em 2,53 milhões de toneladas neste mês, enquanto as de milho chegariam a 6,43 milhões.

Pelo lado da produção brasileira de soja, segundo dados levantados pela consultoria Datagro, a respeito das finanças dos sojicultores brasileiros, no primeiro semestre de 2023, “houve um desempenho misto no geral, mas pendendo para o lado negativo, sendo desestimulante ao plantio da nova temporada. Essa tendência negativa está ligada aos preços médios muito inferiores às elevadas médias do mesmo período do ano passado, à obtenção de lucratividades ainda positivas na maior parte dos casos, mas inferiores na comparação com 2022, e à rentabilidade fortemente negativa. Nota-se que, em termos de preços recebidos, as médias desses primeiros seis meses do ano estão muito abaixo dos excelentes resultados verificados em igual momento de 2021 e 2022, agora se aproximando das médias históricas. Tomando como base cinco das principais bases de negociação do País, os preços médios deste ano estão de 21 a 22% inferiores ao ano anterior, nas cotações em Reais, e também entre 21 e 22% nas cotações em dólares.”

Isso explica, provavelmente, o atraso na comercialização desta última safra. Até o dia 07/07, apenas 66% da safra brasileira de soja deste ano estava comercializada pelos produtores, diante de 77% em 2022, 91% no recorde de 2020 e 80% na média dos últimos cinco anos. (cf. Datagro)

“A segunda variável mais relevante é a lucratividade bruta, que compara a receita obtida com o custo de produção, que a princípio tende a manter a preferência do produtor brasileiro pela oleaginosa. Apesar do expressivo recuo nos preços e dos maiores custos de produção, o setor mantém lucratividades predominantemente positivas pelo 17º ano consecutivo, embora tenha piorado em relação aos excelentes resultados do ano passado e com expectativa de um pouco mais de declínio até o fechamento do atual ano comercial. Essa situação foi possível devido à obtenção de preços médios, em Reais, ainda acima dos padrões normais e, portanto, remuneradores aos sojicultores, apesar de muito aquém do excelente padrão dos últimos dois anos. (cf. Datagro) Obviamente, grande parte dos produtores gaúchos não estão nesta situação devido a mais uma forte quebra na safra.

O terceiro indicador é a rentabilidade financeira, que considera a soja como uma opção de investimento. O 1º semestre de 2023 apresentou resultados fortemente negativos, muito abaixo do excelente desempenho no mesmo período de 2022, sendo o pior de uma série dos últimos 23 anos. A performance foi muito pior quando comparada com a de outros ativos analisados, em virtude do aumento gradativo da aversão ao risco do mercado. Em outras palavras, guardar a soja para vender mais tarde foi uma péssima

opção entre janeiro e junho deste ano. A média de preço da soja no Brasil acumulou perda real (já descontada a inflação) de 29,9%, no acumulado de 2023 até junho. Em igual momento de 2022, a média brasileira estava em +5,71%. (cf. Datagrok)

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, se mantiveram praticamente estáveis, na esteira das tensões armadas entre Rússia e Ucrânia, após novos bombardeios russos sobre instalações portuárias ucranianas. Por sua vez, para o milho o clima nos EUA não chegou a ser o problema nesta última semana já que as lavouras, nas condições entre boas a excelentes, foram mantidas em 57% do total, contra 61% no ano passado. Cerca de 68% das lavouras estadunidenses do cereal, no dia 23/07, estavam na fase de embonecamento, contra 65% na média histórica.

Assim, o fechamento da quinta-feira (27), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 5,33/bushel, contra US\$ 5,37 uma semana antes.

Por sua vez, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 20/07, somaram 309.981 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado e atingindo um total, no atual ano comercial, de 34,2 milhões de toneladas, ou seja, 33% a menos do que o registrado no mesmo período do ano anterior.

Já na Argentina, a colheita da atual safra de milho chegou a 66,1% da área total no final da semana passada. Até aquela data a produtividade média era de 82,8 sacos/hectare, o que levava a uma projeção final de safra em torno de 34 milhões de toneladas. Se confirmado este volume, o mesmo será 18 milhões de toneladas menor do que o colhido no ano anterior pelo vizinho país. As lavouras que restavam a colher se apresentavam com 12% em condições boas ou excelentes, 42% normais e 46% regulares ou ruins. (cf. Bolsa de Cereais de Buenos Aires)

E aqui no Brasil os preços se mantiveram estáveis, ainda com viés de baixa na medida em que a safrinha vai sendo colhida. A média gaúcha ficou em R\$ 53,38/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços do milho oscilaram entre R\$ 35,00 e R\$ 54,00/saco. Já na B3, o fechamento da quarta-feira (26), para referência, fechou com os primeiros contratos em baixa, com valores entre R\$ 56,67 e R\$ 68,00/saco.

A colheita da safrinha teria atingido a 50,9% nesta semana, contra 57,4% na média histórica. (cf. Pátria Agronegócios)

Em termos de exportação, nas três primeiras semanas de julho o Brasil exportou 2,67 milhões de toneladas de milho, sendo este volume 64% do total exportado em todo o mês de julho de 2022. A média diária de embarques está 9,3% abaixo da realizada em julho do ano passado. (cf. Secex) O ritmo da exportação nacional já levanta dúvidas se o país conseguirá exportar as 50 milhões de toneladas esperadas, reforçando alguns alertas a respeito. Caso não o consiga, sobrarão mais milho no mercado interno, com maiores pressões baixistas sobre os já reduzidos preços do cereal no mercado brasileiro. Nesse momento, muitos analistas esperam vendas externas totais, neste ano, entre 46 e 47 milhões de toneladas. Lembrando que logo mais entra no mercado a nova safra dos EUA.

Enfim, no Mato Grosso, segundo o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (IMEA), o custo de produção do milho de alta tecnologia, para a safra 2023/24, recuou 2,18% em junho, em relação ao mês anterior, ficando em R\$ 3.391,82 por hectare. “Essa retração foi pautada pela diminuição no custo com fertilizantes e corretivos, que reduziram 4,3% ante maio/23”. Diante desse ajuste no custeio, o Custo Operacional Efetivo (COE) apresentou uma retração de 1,88% e ficou em R\$ 4.622,28 por hectare no comparativo mensal. Por consequência, para que o produtor modal consiga cobrir o COE é necessário que comercialize o cereal a, pelo menos, R\$ 41,02/saco. Porém, “considerando o preço médio comercializado em junho/23, de R\$ 31,50/saco, as cotações não cobrem mais o custo de produção para o ano 2023/24, o que acende um alerta junto aos produtores do Mato Grosso”. Aliás, uma realidade muito semelhante ao conjunto do país, especialmente no Rio Grande do Sul, onde o quadro é ainda pior devido as constantes quebras de safra devido ao clima.

Enquanto isso, a colheita da safrinha 2022/23, no Mato Grosso, atingia a 84% da área, estando ainda atrasada em relação ao ano anterior. A produtividade média do Estado está em 115,1 sacos/hectare, ou seja, 14,4% acima do registrado no ano anterior. (cf. Imea)

E no Mato Grosso do Sul, conforme a Famasul, a colheita da segunda safra atingia apenas a 8,7% da área até o dia 21/07, contra 22,8% na média histórica para a data.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, voltaram a subir nesta semana, chegando a atingir limite de alta no dia 25/07. Após isso houve um ajuste no movimento, com o fechamento desta quinta-feira (27) ficando em US\$ 7,12/bushel, contra US\$ 7,27 uma semana antes. Portanto, durante a semana o mercado chegou a bater nas melhores cotações desde meados de fevereiro passado, porém, recuou posteriormente.

A guerra entre Rússia e Ucrânia, com os novos desdobramentos da mesma, implicando em prejuízos às exportações ucranianas de trigo e milho, está no centro de tal comportamento de preços.

Por outro lado, até o dia 23/07, as condições das lavouras do trigo de primavera, nos EUA, indicavam 49% das mesmas entre boas a excelentes, contra 68% no ano passado, na mesma época. Já o trigo de inverno, naquele país, estava com 68% da área colhida, contra 77% na média histórica para a data.

Enquanto isso, os EUA embarcaram 358.796 toneladas de trigo na semana encerrada em 20/07, ficando acima das expectativas do mercado. Com isso, o total embarcado no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, chega a 2,2 milhões de toneladas. Mesmo assim, 17% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

Em tal contexto, o mercado do trigo no Brasil assiste a uma pequena recuperação nos preços do cereal, enquanto aguarda a entrada na nova colheita, a qual começará em setembro no Paraná. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 66,00/saco, enquanto no Paraná o produto subiu para valores entre R\$ 68,00 e R\$ 69,00/saco.

No geral, o mercado nacional do trigo está cauteloso, e os preços locais, diante da última safra recorde e de uma expectativa de nova safra cheia do cereal, pouco se movimentam, embora o recrudescimento da guerra no Leste Europeu. Pelo menos por enquanto!

"Além disso, existem notícias de vendas de trigo da safra velha paraguaia a US\$ 280,00/tonelada CIF moinhos (cerca de R\$ 1.325,00/tonelada ao câmbio de hoje). Apesar de serem volumes pequenos, servem de argumento para que os moinhos nacionais achatem suas ofertas. A indicação para o trigo paranaense, no CIF, fica entre R\$ 1.460,00 e R\$ 1.500,00/tonelada. O produtor paranaense segue pedindo entre R\$ 1.480,00/1.500,00 no FOB, enquanto no Rio Grande do Sul o produtor estaria pedindo R\$ 1.300,00/tonelada" (cf. Safras & Mercado), ou seja, R\$ 78,00/saco. Valor muito acima do que está pagando o mercado já há algum tempo.

Assim, embora o clima possa ainda provocar fortes mudanças, diante de consumidores abastecidos e perspectiva de safra cheia, não há como o conflito atual no Leste Europeu elevar os preços internos do trigo, salvo uma surpresa. Ou seja, a estabilidade do mercado, que já vem de algum tempo, tende a permanecer até a colheita. Mesmo assim, o mercado já registra pequeno avanço de preço em relação aos seus piores momentos, ocorridos semanas atrás.

Para consolidar o quadro de estabilidade, com futuro viés de baixa, a iniciativa privada confirma estimativas de que a nova safra de trigo brasileira possa atingir a 11,5 milhões de toneladas, chegando a um novo recorde. A produtividade média esperada estaria em 3.240 quilos/hectare, sobre uma área que teria crescido 6,7% no país. (cf. StoneX) Mas para muitos produtores, as lavouras não estão tão bem assim, indicando uma produtividade menor do que o esperado, o que reduziria a produção final. Além disso, no Rio Grande do Sul, o impacto do clima pesa sobremaneira nos meses de setembro e outubro. Portanto, há muita coisa ainda por acontecer até a safra estar colhida.

Dito isso, se a safra vier cheia, e o Brasil importar efetivamente 5,8 milhões de toneladas, como se projeta, os estoques finais do cereal irão crescer 165,8% na safra, para 2,56 milhões de toneladas. A relação estoque/uso ficaria muito boa, chegando a 14,3% em 2023/24, contra 5,3% em 2022/23. (StoneX) Neste caso, haverá forte pressão baixista sobre os futuros preços internos do trigo.